

AÇÃO E REAÇÃO: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE SER ASSALTADO

Gregório Zambon

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos
e pesquisador do Centro de Estudos da Metrópole. (CEM)

RESUMO

Através de uma cena etnográfica, parte de uma pesquisa de mestrado que desenvolvi no ano de 2015, tento elucidar quais são as ações tomadas por moradores da periferia leste de São Paulo ao terem um bem material de alto valor roubado. No caso que descrevo no texto, narro o assalto à mão armada sofrido por um trabalhador, que teve como fim o roubo do seu carro. Desse modo, trago à baila

o movimento deste indivíduo na tentativa de reaver seu pertence, o que envolve mobilizar, na figura da polícia, o Estado, mas também o “mundo do crime”. A proposta do artigo é, portanto, olhar o “mundo do crime” a partir de trabalhadores da periferia, sua normatividade e sua desconexão com o roubo dentro da quebrada.

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu a partir de uma pesquisa etnográfica que desenvolvi no ano de 2015, na periferia Leste da cidade de São Paulo. A partir de uma das muitas cenas etnográficas que compõem os meus cadernos de campo, ou seja, a partir de uma história, vou tentar descrever e analisar algumas relações, práticas e figurações em contexto específico, em um território de São Paulo. A história trata de um senhor que tem seu carro roubado em um distrito do chamado “fundão da zona leste” e os seus passos para tentar recuperar o seu bem.

Mas vale, de início, algumas informações importantes sobre o roubo e furto de carro no Brasil. No ano de 2014, foram roubados ou furtados, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)¹, 213.472 carros no país². A cidade de São Paulo, com quase 100 mil carros roubados ou furtados, tem a maior incidência do país em números absolutos. Isso quer dizer que um carro desaparece a cada 5 minutos somente no município.

O Primeiro Comando da Capital (PCC) estabeleceu na periferia de São Paulo uma série de normas a serem seguidas e, em tese, invioláveis, chamadas de “proceder”. Dito de outra forma, o proceder seria o comportamento esperado de alguém no mundo do crime. Essa ideia será retomada mais adiante. Muitos autores trabalham com a ideia de proceder como um conceito êmico e importante para o entendimento do mundo do crime, notadamente Adalton Marques (2006, 2007, 2009), Karina Biondi (2008) e Vagner Marques (2011).

Pelo que pude constatar, não é usual entre os presos tomar a palavra proceder para indicar uma ação. Utilizam-na, antes, como um atributo do sujeito, ou ainda, como um substantivo. No primeiro

1 <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/10/02/a-cada-2-minutos-e-meio-1-carro-e-roubado-nas-27-capitais-do-pais.htm>

2 As taxas de recuperação dos veículos variam muito por estado. Em julho de 2013, por exemplo, O Rio Grande só Sul teve uma taxa de recuperação perto de 70%, enquanto São Paulo ficou abaixo dos 50%. Os dois estados estão entre, percentualmente, os três estados que mais sofrem com os roubos e furtos de automóveis: <http://www.sindlocsp.com.br/blog/item/718-roubo-de-veiculos>

caso se diz que um sujeito tem proceder ou que não tem proceder. No segundo caso se diz o proceder. Ao atribuírem ou não o proceder a um sujeito, as considerações dos prisioneiros referem-se à sua disposição quanto a um respeito específico [...], quanto a uma conduta específica [...] e, enfim, quanto a uma atitude específica [...]. Já o proceder enquanto atributo, de modo diverso, se refere a essa consonância de um sujeito com o proceder substantivo (MARQUES, Adalton, 2009, p. 26-27)

Normativamente, a ideia de que não se pode roubar dentro das favelas e quebradas em São Paulo, estritamente atrelada ao proceder do mundo do crime, nos últimos tempos, vem perdendo efetividade. As explicações para isso ainda estão no âmbito da teoria, mas as constatações desta realidade são empíricas, presentes nas minhas pesquisas, mas também na bibliografia³. A ideia de quebrada largada ou quebrada bagunçada é relativamente recorrente no dia a dia dos territórios⁴.

Lá pras seis da tarde a tia do suco chegou. Ela sempre passa por lá nesse horário. Como ninguém quis comprar nada, ela ficou por ali e puxou conversa com um dos homens à beira da porta. “E tão roubando de novo, né? Entraram na casa de um vizinho lá na vila. Tão entrando tudo de novo. Ta ficando bagunçado⁵” (Trecho de um diário de campo)

“Greg, eu só mudaria de Guaianases porque eu queria ter uma moto. Eu adoro moto, mas não da pra ter moto em Guaianases. Não dá! Não ura dois meses os caras já roubam.” (Trecho de uma entrevista com Caio, morador do distrito)

Mas se a disciplina que regia o seguimento das regras não é mais a mesma, roubar nas periferias de São Paulo continua sendo um ato ilegal. Destaco aqui que a palavra ilegal surge como redundância à primeira vista. Seria ilegal roubar em qualquer lugar. No entanto, o caráter ilegal do roubo preenche qualquer instância normativa que rege as cidades dentro das cidades (Zambon, 2013). Dito de outra forma, roubar não é aceito pelo Estado, pelo mundo do crime e, tampouco, pela via religiosa, o que faz do “roubo na quebrada” um ilegalismo normativo em si. Roubar na quebrada não pode, pra ninguém.

Isso tem a ver com as instâncias normativas de manutenção da ordem que se *instalaram* nos territórios. São essas estruturas que admitem ou não legalidade

3 Também com Biondi, Marques, mas também em Silva (2013)

4 Territórios pode ser concebido como pensa Burgos (2005)

5 A parte entre aspas é para marcar a fala da interlocutora, mas não é uma citação em si. Nos cadernos de campo é muito difícil fazer uma transcrição da fala, sendo, portanto, uma aproximação do que foi dito, tentando não perder o sentido original.

nas ações, a depender dos contextos, mas também das ações. Feltran () indica os discursos normativos que disputam espaço na periferia de São Paulo como modelo de ação em si. Desta forma, se existe o Estado, também existe a igreja e o “mundo do crime”, que complexificam as relações sociais, pois enquanto discurso normativo, se propõem estrutura.

Ora, mas é evidente que o crime existe em todo canto que se possa dar uma olhadela. Não é diferente na periferia. Carolina Grillo (2013) mostra em sua tese, uma etnografia com ladrões na cidade do Rio de Janeiro, como todos os protagonistas de sua pesquisa ou estão presos ou morreram. Ladrão que rouba nas favelas e quebradas não tem vez. A sua sorte geralmente não é boa. Para o ladrão, não se pode nem ao menos preferir viver pouco como um rei⁶, pois sua passagem pela vida – ou pela vida livre – é extremamente fugaz.

É neste contexto que trarei uma cena etnográfica principal para entendermos os procedimentos de um cidadão comum, morador da periferia, ao ter seu carro roubado. Neste sentido, o texto traz os repertórios mobilizados por este cidadão na tentativa de reaver seu carro.

Ao falar em cidadão comum, estou tentando combater justamente a ideia de que um morador de periferia é alguém diferente, maltratado, infeliz, descreditado. A princípio, o maior problema reside no estigma criado, que gera uma representação pública da periferia que não reflete a realidade destes lugares⁷. No entanto, os moradores das regiões territorializadas conseguem acessar um grande número de repertórios para a convivência nas cidades, estando eles, também, atrelados às instâncias normativas que condicionam, em grande medida, suas ações⁸. Assim, tento compreender os modos como os indivíduos transitam pelas estruturas condicionantes e produzem suas vidas, o seu cotidiano (DAS, 2011).

Desse modo, cabe ressaltar de maneira contundente, que estes saberes não são universalmente compartilhados nos territórios, o que provocaria um erro grave na concepção prematura sobre o que são as periferias. Saber agir no Jardim São Carlos não lhe dá, necessariamente, fundamentação para agir em Heliópolis, por exemplo. Em estabelecidos e Outsiders (ELIAS, 1994), para lembrar de um livro mais antigo, Elias já nos mostrava as complexidades e heterogeneidades dentro de um

6 Referência à passagem “Tempo pra pensar, quer parar. Que cê quer: viver pouco como um rei ou muito, como um Zé?”, da música Vida Loka parte 2, dos Racionais MCs.

7 Postigo (2013) trata das representações de favela e periferia em sua dissertação.

8 Essa visão pós-estruturalista norteia grande parte dos estudos contemporâneos. Não exclui-se a influência das estruturas, mas os indivíduos também são tidos como sujeitos com agência. Neste sentido, é interessante pensar na perspectiva de uma sociedade dos indivíduos (ELIAS,), onde um só existe pela existência do outro, numa rede de interdependência entre indivíduos que sofrem influência das estruturas, mas que também tem agência.

bairro operário de uma cidade inglesa, revelando como o saber agir na comunidade era importante para a coesão e para o estabelecimento de relações de vizinhança.

Neste sentido, quando nós temos um bem material roubado, agimos de formas diversas, mobilizando repertórios vastos, que variam por muitos fatores. Obviamente, isso também varia de acordo com o valor do objeto, seja ele simbólico ou pecuniário. Quando temos um carro roubado, por exemplo, a prática limita grande parte da população a operar na lógica estatal, de controle policial e suas burocracias. Mas não é em todo lugar que isto acontece e esta maneira cristalizada de proceder não é universal. Feltran () indica os discursos normativos que disputam espaço na periferia de São Paulo como modelo de ação em si. Desta forma, se existe o Estado, também existe a igreja e o “mundo do crime”, que complexificam as relações sociais, pois enquanto discurso normativo, se propõem estrutura.

Dessa forma, se um indivíduo tem um carro roubado em uma periferia de São Paulo, ele tem mais que o arcabouço do Estado para atingir o seu objetivo final: se há necessidade de que encontrem o seu carro, o indivíduo pode lançar mão das estruturas que balizam a vida e que lhe permitam ter a melhor sorte possível na consolidação da sua empreitada. Dito de outra forma, na periferia a polícia pode achar o seu carro, mas o “mundo do crime” também.

Vale ressaltar, no entanto, que tudo isso são possibilidades que não necessariamente serão ou poderão ser acessadas por todos os moradores de determinado lugar. De um outro pirsma, outras localidades e outras pessoas podem ter acessos bastante diferentes, como contatos no meio estatal – seja na polícia ou em círculos de influência política - , acesso à informações em círculos comunitários, etc.

O ASSALTO

Tomei o trem rumo à Zona Leste, depois de ter recebido a mensagem de um amigo. Ele tinha sido assaltado, juntamente com seu tio e um colega do trabalho. Levaram o carro. Como eu já ia a campo com menos frequência e estava comprometido com certas burocracias, fiquei sabendo do ocorrido relativamente tarde, alguns dias depois. No entanto, a notícia fez ir até lá ver o que tinha acontecido de fato.

Fiz o mesmo caminho de sempre, da saída de casa até o extremo leste da capital paulista. Um bom trajeto a pé, metrô, troca de linha, troca de linha de novo, toma o trem na luz e depois uma pequena caminhada. Mais ou menos uma hora e meia o tempo entre a minha casa e o destino final.

A etnografia que desenvolvi teve como ponto central de observação um salão masculino. Foi ali que especifiquei meus interlocutores e sujeitos principais da pesquisa. Foram alguns meses de idas a campo frequentes, que me revelaram muito sobre o cotidiano, não apenas do salão, mas da periferia de São Paulo⁹. E foi na frente desse salão que o roubo aconteceu.

Cheguei ao salão com um sorriso no rosto, afinal, fazia algum tempo que não via os meninos. Cumprimentei todo mundo e me sentei em uma das cadeiras de espera. O clima estava alegre. Começamos conversando amenidades cotidianas como “como você tá? E a família? Ta em São Paulo ainda? Ta sumido, mano!”. Jarbas, um dos barbeiros, 21 anos, estava sem cliente, sentado ao meu lado. Foi aí que começamos a dialogar sobre o ocorrido.

A história central se passou em um dia na saída do salão. Geralmente o salão é fechado por volta das 8 da noite, com Candinho¹⁰, o dono do salão e tio de dois dos três outros cabeleireiros. Sessenta e poucos anos, ele é um dos que sempre fecha o salão. Com ele, pelo menos mais um ficava incumbido de trancar a grade porta de ferro ao anoitecer. Neste dia, porém, calhou, por motivos que não me souberam explicar, de estarem Jarbas e Gabriel junto com ele. Ao que parece, Candinho daria carona para casa aos dois.

Quando comecei a fazer pesquisa no salão do Tio Candinho¹¹, o seu carro era um Ecosport prateado modelo 2011, que ficava sempre estacionado o mais próximo possível do salão. Antes do final do ano de 2015, ao quitar os parcelamentos referentes a este carro, Candinho decidiu trocá-lo, dando-o como entrada e tomando novo parcelamento para o carro novo. Aliás, a compra do novo carro, um Toyota Corolla branco, 0 km, foi motivo de intensos debates entre os garotos do salão, que tentavam estabelecer qual seria a melhor compra¹². Estes empreendimentos são cercados de simbologias e signos que afetam muito mais os indivíduos mais jovens. Se dependesse de Fernando, sobrinho de Candinho e também cabeleireiro no salão, o carro a ser comprado, pelo mesmo valor, deveria ter sido uma BMW modelo 2012.

Um leitor desavisado pode achar surpreendente um morador da periferia de São Paulo ter um carro de alto valor. No entanto, é importante informar que, apesar

9 É importante tomarmos ciência que o termo periferia, embora amplamente divulgado e utilizado, não consegue explicar muita coisa. Quanto mais estudamos e produzimos conhecimento confiável acerca das realidades citadinas, mais temos o dever de lembrar que o termo periferia não dá conta da complexidade que ele pretende explicar

10 Todos os nomes foram mudados.

11 O salão, como a maioria dos salões do bairro, não tem nome. Com o tempo, passei a chamar carinhosamente de salão do Tio Candinho

12 Estas duas situações, a do endividamento constante pelo carro e a simbologia da escolha deste, principalmente pelos indivíduos homens mais jovens, é interessante e certamente estará presente em trabalhos vindouros.

de não ser a regra, também não é a exceção. O carro, além de importante marcador social, é um signo compartilhado pela maioria das pessoas, independentemente de local de moradia ou salário. O lugar do carro na vida do brasileiro é de destaque, sendo ele parte importante do projeto de vida das famílias e imprescindível na sua relação com o modelo de desenvolvimento econômico brasileiro¹³. Sendo assim, não é difícil pensar que as pessoas empenham esforço para terem carros confortáveis.

Saindo do salão, os três foram em direção ao carro, que não estava mais que 20 metros. Ao entrarem no automóvel, Candinho no volante, Jarbas na frente e Gabriel atrás, foram interpelados por três elementos descapuzados e armados, que lhes renderam e levaram o carro em disparada.

Enquanto Jarbas ia me contando esta história, os outros envolvidos, mas também Fernando, que já sabia do ocorrido e participou dos procedimentos pós-roubo, também encaixavam algumas falas. De início, a primeira coisa que me chamou atenção foi a hora do roubo. Já transitei pelas ruas do bairro até mais tarde que 20 horas, e os espaços públicos ainda tem movimento considerável. No entanto, isto não foi empecilho para a “fita” ter sido feita.

O relato é simples. Enquanto entravam no carro, dois homens e uma mulher, dois deles armados, esperaram Candinho entrar. Nesse momento, colocaram a “peça” na sua cabeça e mandaram-no descer. Os outros dois foram pelo lado direito do carro, rendendo Jarbas e Gabriel. Candinho me contava, também, como era desesperadora a sensação de ter uma arma apontada para sua face. Com todos rendidos e fora do carro, os assaltantes fugiram pelas ruas de São Paulo.

Enquanto a história se desenrolava, surgiu uma discussão, que me pareceu já ter sido debatida muitas vezes antes, sobre o caráter do roubo. Alguns defendiam que era algo que vinha sendo estudado, outros estabeleciam que foi no calor do momento que tomaram a decisão. Ao que tudo indica, e parece que esta foi uma conclusão mais ou menos aceita, os assaltantes passaram pelo menos alguns dias entendendo o movimento, para então concluírem o roubo.

Desde as primeiras vezes que fui à campo neste bairro de São Paulo, sempre ouvi que não se podia ter moto, pois elas eram inevitavelmente roubadas. O tom destes discursos era exatamente o de um destino traçado, que não poderia ser mudado por ninguém: ter moto na quebrada não dá. Até o carro do Candinho ser roubado, eu não tinha tido nenhuma notícia de roubo de carro pelas redondezas.

13 A indústria automobilística é importante para o modelo de desenvolvimento brasileiro por ter uma cadeia produtiva bastante ampla, e impulsiona grandes ganhos também para terceiros, sejam seguradoras, seja todo o mercado ilegal que envolve os carros, como roubos, furtos, desmanches, autopeças, golpes, etc, movimentando bilhões de reais todos os anos.

A REAÇÃO

A ideia de reação assumida por mim não tem a ver com o assalto em si, mas com a tentativa de reaver o carro. Neste sentido, qual seria o procedimento a ser seguido? Na verdade, como disse, são vários, agravados ou atenuados por diversos fatores. A ideia de um modo de proceder geral, normativo, neste caso não se aplica.

Então, neste caso, fujo da ideia de proceder, mesmo que, de alguma maneira, ela esteja intrincada dentro da ação dos meus interlocutores, pois se relaciona intimamente com uma das instâncias normativas de poder que estas populações estão inseridas. Neste sentido, prefiro ficar com a palavra genérica *agenciar* para estabelecer os procedimentos de Candinho, mas tendo a noção exata de que este agir está intimamente influenciado pela disseminação discursiva do crime e, portanto, do proceder¹⁴.

De fato, eu estava muito interessado em saber como haviam agido os rapazes depois do assalto. Quais teriam sido as atitudes a serem tomadas para tentar recuperar o carro? E essa curiosidade está marcada justamente no conhecimento teórico sobre os modos de agir nas periferias¹⁵. A interpelação sobre o pós-roubo só me foi referenciada pelo conhecimento prévio do que poderia ter acontecido, ou seja, por eu saber que certas ações são possíveis e até mesmo prováveis.

Eu estava de pé enquanto ouvia todos falando do acontecido. Primeiro ouvi a versão geral no meio do burburinho que havia se instaurado com a narrativa. Depois do assalto, parece, Gabriel foi para sua casa, onde morava com sua esposa e sua filha, e Candinho e Jarbas, tio e sobrinho, foram para a casa de Candinho. Lá chegando, Fernando já tinha tomado conhecimento do fato e também tinha ido para lá. Candinho subiu com um dos seus irmãos até a delegacia mais próxima para dar queixa, enquanto o resto da família ficou em sua casa.

A primeira versão do acontecimento que assimilei foi esta, absolutamente resumida e cheia de omissões. No entanto, com o passar do tempo, ao fazer algumas perguntas e, depois, ao conseguir conversar com cada um individualmente, pude tomar ciência com uma riqueza maior de detalhes sobre todo o processo de tentativa de recuperação do carro.

Avisar a polícia que o carro foi roubado, isto é, fazer um boletim de ocorrência, foi a primeira atitude de Candinho. Talvez ele não saiba, mas a taxa de recuperação pela polícia de veículos roubados em São Paulo é de quase 50%, portanto parece

14 A ideia de agência está intimamente ligada com uma ação reflexiva influenciada, mas não determinada pela estrutura.

15 Gabriel Feltran fala disso e utiliza exemplos de modos de agir em seu texto FONTE

uma boa ideia contatá-los¹⁶. No entanto, essa taxa representa o número de carros encontrados, estejam abandonados ou não, mas não representa o número dos roubos, assaltos ou furtos resolvidos.

Contatar a polícia caso o carro seja roubado aumenta o leque de chances para atingir o objetivo final. E isto foi feito. Candinho tinha um carro 0 km, em dia e segurado, portanto não havia qualquer empecilho prático/burocrático para não lançar mão do Estado, ou seja, da norma institucional, como um dos braços do movimento de recuperação do bem.

Perguntei a Candinho sobre a família, como foi dar a notícia, mas as suas preocupações e reações foram muito evasivas, assim como as de todos os outros. De fato, sua esposa quis ir com ele tentar resolver este problema, mas foi prontamente impedida de prosseguir. Segundo Candinho e os meninos, não é para mulher resolver este tipo de problema. Aí reside uma representação bastante difundida de masculinidade, que tem a ver com regulação das emoções e uma cisão do mundo entre “coisa de homem” e “coisas de mulher”. No limite, se a esposa de Candinho tivesse sido assaltada, o agenciamento das práticas para a recuperação do veículo teriam sido feitos por Candinho.

Já chegava perto das 22 horas quando Candinho, sem a companhia de nenhuma mulher, conseguiu sair da delegacia. Era este o momento de continuar pondo em prática os procedimentos para tentar recuperar o carro. Uma vez acionado o Estado, ele e seu irmão buscariam auxílio em outra instância. Fernando, do outro lado, falou que eles tinham ido ao escadão. Entendi a situação e pedi detalhes ao Candinho.

Geralmente, quando o assunto é o escadão, as conversas são um pouco evasivas. Fernando disse que “no escadão tem um pessoal que fica parado lá e que conhece os irmãos”. Uma conversa que lembra muito o ditado “eu conheço alguém que conhece alguém”. E assim, não se sabe ao certo quem é ou não irmão, mas ali é um ponto de interlocução e acesso ao “mundo do crime”.

Toda essa conversas se passava em um dia de bom movimento no salão. E eu estava conversando com o Candinho na beira da entrada, de pé, encostado na vidraça, ao lado do Fernando, que terminava um corte. Boné vermelho dos Canadiens¹⁷, chinelo e calça Saruel, que virou moda de uns tempos pra cá.

“É, Greg, eu fui lá no escadão falar com os caras, passar a caminhada¹⁸”. Candinho e seu irmão seguiram até o escadão para informar ao “movimento” o

16 Inserir o dado de referência

17 Time de hóquei no gelo pertencente à liga NHL.

18 Explicar os acontecimentos, passar um relatório.

que havia ocorrido. Estes indivíduos tomaram o telefone e ligaram para a sua rede, passando a caminhada. Depois de informarem as características do carro e todos os detalhes que Candinho lhes havia passado, um dos indivíduos frisou: “vamos ficar atentos que é o carro de um dinossauro aqui”. Desta forma, Candinho, ao ir até o escadão, mobilizou uma rede de pessoas que agora ficariam de olho pelas ruas, becos e vielas das quebradas, na expectativa de encontrar o carro roubado.

É importante salientar que Candinho mudou-se para o bairro há muitos anos. Apesar de ter família baiana, veio migrante do Paraná. Chegou a São Paulo em meados dos anos 70 e voltou para terra natal. Tornou a vir para São Paulo, ainda na década de 1970 e está instalado no bairro há pelo menos 35 anos. Candinho não tem ligação com o mundo do crime, mas é conhecido pelas redondezas. Ele é, portanto, um “dinossauro” na região, e tem o respeito de muita gente. Dessa forma, não é necessário ser “do crime” pra ter respeito, tampouco se deixa de mobilizar certas instâncias por ser ou não da igreja. Todas estas afirmações são mutáveis e situacionais, e isso parece estar claro. No entanto, a ideia de instância normativa se aplica de modo contumaz no universo empírico, estando relacionadas, também, à normalidade com que essas ações são assimiladas por todas as pessoas.

Fernando, ao meu lado, já da risada e fala que Candinho é um dinossauro mesmo. Todo mundo sorri, inclusive os clientes. Fernando finaliza o corte de cabelo do cliente, recebe o dinheiro, ainda com um sorriso no rosto.

- Fernando, você tem carro. Não tá em dia, não tem seguro. Se te roubam, o que você faz?, perguntei a ele.
- Vou na polícia, respondeu sem pestanejar.
(Trecho dos diários de campo, adaptado)

Esta passagem explica bem a ideia dos vários modos de agir¹⁹ dentro de determinada situação²⁰. Fernando falou que preferiria não envolver o “mundo do crime” nesta situação, que sempre procura não depender disso. Com certeza, falar sem que a situação se dê de maneira concreta é mais simples. Talvez se o seu carro fosse realmente roubado, Fernando acabaria se valendo dos recursos que tem ao seu alcance. Mas, a priori, esta prerrogativa não seria utilizada. Esta passagem também exemplifica a normalidade e a normatividade destas situações, como dito anteriormente.

19 A palavra agir e as ideias de ação e agência suscitam um sem número de modos de análise teórica, de variados pontos de vista. Neste artigo, não entrarei nesta discussão. Pensemos, aqui, apenas que as ações tem agência do indivíduo e da estrutura.

20 Hirata (2006) também mostra as diferenças de modos de agir em diferente locais.

Mas cadê o carro, Candinho, perguntei sorrindo. Não estou vendo ele daqui. Candinho, meio cabreiro, disse que agora deixa o carro em um estacionamento ali perto, que é gratuito e tem muita gente olhando. E como foi que encontraram, perguntei curioso, atentando para compreensão de quem teria localizado. (Trecho dos cadernos de campo)

Essa parte da história é mais obscura, porque, por certo, não há como termos confirmação factual de quais foram as forças que levaram o carro a ser encontrado. Pode ter sido qualquer uma das instâncias mobilizadas. No entanto, quem ligou para Candinho foi a polícia, que contabilizara mais uma recuperação de carro sem resolução do crime. O carro foi encontrado em uma ruela pros lados do Itaim, por volta de uma hora da manhã, intacto, sem nenhum arranhão e nada roubado.

- É, tio Candinho. Graças a deus achou sem maiores problemas
- É, Greg. Mas eu to com medo de eles voltarem, porque tão com a chave.

O medo de Candinho se concretizou. Algum tempo depois, seu carro foi furtado e, quando recuperado, não tinha nenhuma marca de arrombamento. Tudo indica que foram os mesmo ladrões que roubaram seu carro pela segunda vez. Depois de tê-lo achado novamente, Candinho passou a ir trabalhar a pé até trocar a fechadura do automóvel.

RÁPIDAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo essencialmente empírico, trago para o leitor, neste artigo, algumas manifestações e atitudes tomadas por pessoas comuns, moradoras de periferia, quando se tem um bem material de alto valor roubado. Neste acaso, roubado a partir de um assalto a mão armada. Neste caso, os Estado e o mundo do crime foram acessados na perspectiva de tentar solucionar o problema.

Ao acessar o mundo do crime para tentar desvelar um crime, algo que soa como um paradoxo à primeira vista, Candinho está pactuando com a ideia do proceder, já descrita muito bem por Marques. Um ladrão que rouba na quebrada está faltando com o proceder. Desta forma, a atitude de Candinho pode ser lida como uma busca de ajuda nos “bandidos com proceder” para solucionar seu problema. Essa atitude não é necessariamente compartilhada por todos os moradores, tampouco aprovada, mas parece ter um caráter de normalidade, justamente pela normatividade das práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIONDI, Karina. **Junto e misturado em prol do comando: reflexões acerca da imanência e transcendência no PCC**. 32º Encontro Anual da Anpoc, Caxambu, 2008.
- BURGOS, Marcelo Baumann. Cidade, Territórios e Cidadania. **Dados**, v. 48, n. 1, 2005
- DAS, Veena. O Ato de Testemunhar: Violências, Gênero e Subjetividade. **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, n. 37, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n37/a02n37.pdf>
- ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2000.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Jorge zahar: Rio de Janeiro, 1994.
- FELTRAN, Gabriel. Crime e castigo na cidade: Os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. **Caderno CRH**. Salvador, v.23,p. 59-74,jan/abr. 2010
- GRILLO, Carolina. **Coisas da Vida no Crime: tráfico e roubo em favelas cariocas**. Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- HIRATA, D. No meio do campo: o que está em jogo no futebol de várzea. In: TELLES, V.S.; CABANES, R. **Nas tramas da cidade**. Trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2006. p.243-90.
- MARQUES, Adalton. 2006. **“Proceder”**: “o certo pelo certo” no mundo prisional. Monografia (Graduação em Sociologia e Política). Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
- _____. 2007. **“Faxina” e “pilotagem”**: dispositivos (de guerra) políticos no seio da administração prisional. Trabalho apresentado na I Reunião Equatorial de Antropologia, Aracaju.
- _____. 2009. **Crime, Proceder, Convívio Seguro**: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. Dissertação em Antropologia, FFLCH, USP.

MARQUES, Vagner. **A favela do tijuco preto, o PCC e a simbiose com o pentecostalismo**. Acessado em <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/401/442>

ZAMBON, Gregório. **A Cidade é Muita Cidade Dentro: Brasília, Ceilândia e a territorialização do Distrito Federal**. Monografia de conclusão de graduação, UnB, 2013.